



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

LEANDRA VIEGAS CORREIA CÉSAR
MILCA FRANCIELE SILVA DOS SANTOS

**Trabalho docente em sistema prisional: desafios, percepções e
motivações**

Recife
2022

LEANDRA VIEGAS CORREIA CÉSAR
MILCA FRANCIELE SILVA DOS SANTOS

**Trabalho docente em sistema prisional: desafios, percepções e
motivações**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de Pernambuco,
como requisito parcial para obtenção do
título de licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado em: 04/11/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Sandra Montenegro Silva Leão (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Daysi Oliveira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Trabalho docente em sistema prisional: desafios, percepções e motivações.

Leandra Viegas Correia César¹

Milca Franciele Silva dos Santos²

Profª Drª Maria Sandra Montenegro³

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa sobre os desafios enfrentados pelos professores e professoras que atuam no sistema educacional em um presídio masculino situado na cidade de Igarassu, região metropolitana do Recife, em Pernambuco. Dentre os questionamentos abordados estava a motivação dos docentes para permanecerem e realizarem as práticas pedagógicas num lugar que muitos olham com preconceito e hostilidade. Observou-se as relações de poder e disciplina exercidas naquele local, a partir da ótica de Michel Foucault e como a dinâmica do sistema prisional pode interferir na dinâmica escolar dos sujeitos inseridos naquele espaço. Os dados desta pesquisa foram coletados através de entrevista aberta com os docentes e uma pergunta inicial foi lançada a partir da perspectiva filosófica transformativa dando a oportunidade de fala aos participantes, e os resultados apresentados foram expostos de forma reflexiva e problematizadora, rompendo o preconceito e a visão de senso comum das pesquisadoras sobre a vida docente nas prisões.

Palavras-Chave: Educação; Sistema Prisional; Relações de Poder.

1 Introdução

Observando o cenário atual do sistema carcerário voltamos os nossos olhos para o surgimento dos conceitos de punição e disciplina a partir da perspectiva do filósofo Michel Foucault, ao porquê da existência de instituições de ensino dentro dela e as motivações dos profissionais de educação lecionarem naquele espaço, visto que muitos acabam por desacreditar nas pessoas que por transgredirem a lei vão parar em prisões. O interesse na pesquisa surgiu a partir da necessidade de contribuir com a visibilidade do tema, com a possibilidade de desconstrução dos estereótipos

¹ Concluinte do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco . leandra.viegas@ufpe.br

² Concluinte do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. milca.franciele@ufpe.br

³ Professora do Departamento de Políticas e Gestão Educacional do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, tendo sido orientadora do primeiro autor deste artigo. Email: sandra.montenegro@ufpe.br

voltados para quem frequenta as prisões. Associados à educação no espaço prisional, bem como atenuar o olhar sobre o profissional que atua diretamente em sala de aula do sistema carcerário.

Alguns questionamentos que permearam essa pesquisa foram se de fato o professor recebe a qualificação necessária para atuar nas salas de aula em regime prisional, se são instruídos pela secretaria de educação em questão das formações continuadas e treinamentos para atuar no campo de trabalho com indivíduos reclusos. O professor recebe alguma ajuda do estado e da secretaria de educação? É acompanhado por estes órgãos? Como o sistema educacional ajuda a partir do seu trabalho na formação e socialização desses sujeitos? Quais práticas e relações de são estimuladas dentro do espaço prisional? A partir da coleta de dados e entrevistas focamos nos desafios, percepções e motivações diante as considerações e experiências relatadas pelos professores que ali atuam.

Dedicamos esforços a compreensão dos conceitos de Foucault sobre a relação das prisões e sistemas de ensino o qual, apresenta um delineamento desde o surgimento das punições e suplícios e necessidade da repressão em casos de conflitos e desvios éticos que foram enraizados na sociedade desde os seus primórdios. Das punições severas em praça pública para as aplicações econômicas e sutis de punição e vigilância no qual o castigo se faz presente nas privações e coações em espaços enclausurados.

Através destes mecanismos de controle contidos em diversas instituições sociais, a escola e seus agentes atuam diretamente nessa cadeia ramificada de poder e controle sobre os corpos, na perspectiva de obtenção dos corpos dóceis, pessoas submissas socialmente e produtivas economicamente. Por meio do uso das disciplinas e métodos minuciosos o professor utiliza comandos de controle do comportamento e ações mútuas de punição e recompensas. Cabe à escola moldar esses sujeitos conforme os ideais valorizados pela sociedade e excluir comportamentos que fogem ao padrão aceitável, a fim de que não se faça necessário o uso de fontes e métodos severos e diretivos para esta finalidade.

Se considerarmos o espaço escolar como um dispositivo para o controle dos comportamentos e para mudança das atitudes, ao analisar uma escola inserida no espaço prisional essas relações de poder e disciplina tornam-se mais atenuadas e impostas, podendo transformar o papel do docente em um caráter mais autoritário e

rígido, atentando mais às questões de respeito e comportamento do que a função de educador, mediador de conhecimento e habilidades sócio-históricas que através da educação existe a possibilidade de transformação das realidades dos sujeitos que estão em condições carcerárias.

No delineamento metodológico apresentamos todo o caminho percorrido até chegar nas considerações. A pesquisa foi realizada em formato de entrevista com professores que lecionam na escola estadual dentro do Presídio de Igarassu, a qual foi apontada por Minayo como sendo uma forma eficiente de observar questões importantes nos fazendo enxergar nas entrelinhas as percepções e concepções de educação, de sujeito, de escola, até mesmo de sua profissão, os desafios enfrentados e as motivações que os fazem permanecer e insistir no seu trabalho e objetivo como educadores.

Em conformidade com a metodologia utilizada, a análise dos dados foi feita de forma problematizadora, observado os desafios, percepções e motivações dos docentes contidas nos próprios discursos, diante dos quais é possível identificar questões da atual conjuntura de ordem do sistema prisional, do sistema educacional e das concepções de educação e de sujeitos desses docentes.

2 Discussão Teórica, Revisão de Literatura ou Referencial Teórico

2.1 PODER E DISCIPLINA

O poder produz realidades, produz domínio de objetos e rituais de verdade. A partir desta ideia elaborada por Foucault questionamos: qual o poder de professores atuando na escola estadual Dom Helder Câmara no Presídio de Igarassu? O que dizem esses professores sobre os seus desafios no cotidiano do trabalho? Que percepções elaboram acerca dos estudantes e do seu papel? Buscamos construir esta pesquisa partindo do pensamento crítico analítico de Michel Foucault.

Para este filósofo, as relações de poder se estabelecem em uma cadeia, uma rede de microfísicas, estruturadas, organizadas, distribuídas e alimentadas socialmente. Todavia, ainda que se construa de modo coletivo e pelas interações humanas é convencionalizado a ser imparcial e favorecer majoritariamente uns aos outros, permeando as relações de subordinação e opressão.

Além do campo individual, algumas instâncias e instituições como o Judiciário, Legislativo e Executivo, de forma histórica, são consideradas pilares e bases de estruturação para uma sociedade e, portanto, detém uma maior relevância, controle e concentração de poder hierárquico aos cidadãos.

Salientando a administração legalizada sobre o outro, quando necessário ocorrer uma intervenção, correção e suspensão de direitos. Foucault (2014) considera que,

... o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica; é numa boa proporção, como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação; mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele está preso num sistema de sujeição (onde a necessidade é também um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado); o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (p.29).

Por conseguinte, a disciplina é o controle produtivo das ações humanas, para produção e submissão, são semelhantes e tem a produtividade como objetivo, podendo ser de forma subliminar, tão sutil que se torna imperceptível, levando ao sujeito considerar que é algo inerte a ele, ou, relacionadas à imposição, tornando entendível ao ser que deve-se seguir e cumprir para que não seja punido. A educação escolar, principalmente dentro da prisão, é a mais forte e evidente no controle dos corpos, evidenciando que, as relações de saber estão constituídas em relações de poder e o modo que “esses métodos permitem o domínio minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impor uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de disciplinas.” (FOUCAULT, 2014, p.135).

Em suma, a disciplina surge como uma ferramenta de introdução, organização, treinamento e controle de comportamento reforçada em diversos aparelhos durante toda a existência do indivíduo, visto que, não somente o corpo é controlado e punido, mas também a alma desses seres humanos, gerando seres amedrontados, que seguem esses padrões não de forma espontânea, mas impostas temendo ao sofrimento.

Ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam; um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e processos

empíricos refletidos para controlar e corrigir as operações do corpo. (FOUCAULT, 2014, p.134)

A implantação minuciosa da disciplina observa-se em padrões presentes em algumas instituições que servem como reformadores, controladores e padronizadores de comportamentos, ações, filosofias e papéis sociais. Portanto, essa “mecânica de poderes” proporciona uma relação mútua de domínio, da ideologia da falsa liberdade, pois, o sujeito pode fazer o que se quer desde que siga normas e técnicas que os determinam, resultando em seres submissos.

2.2 RELAÇÕES DE PODER

Para Foucault, a relação de poder está relacionada com todos os indivíduos, exercendo maior influência sobre alguns sujeitos do que outros. O poder está interligado em nossas relações humanas, atribuições com diferentes segmentos, como político, social, religioso, ético e filosófico, considerando que vivemos uma ilusória ideia sobre poder, o direcionando a quantidade, ao físico e aquisitivo, que se estabelece como uma força dominadora.

A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. (FOUCAULT, 2014, p.167)

De acordo com a ideia de punição e vigilância, toda a estrutura da sociedade foi esquematizada e estruturada para um viés comum: a disciplina. A família, as leis, a ética, as religiões e a escola direcionam o sujeito para uma “adestração” e “padronização” social, regulando, controlando e direcionando os impulsos e desejos primitivos do indivíduo.

Podemos considerar que as relações de poder estão associadas ao modo de vivência dos seres humanos em todos seus aspectos e compartilhamentos sociais, emergindo a necessidade de todo grupo ou instituição serem fundamentadas em relações hierárquicas, sendo elas as relações de obediência, respeito e moral sem questionamentos entre os integrantes de uma família, as distribuições de papéis dentro de uma escola considerando o conhecimento e saberes como poder, no

trabalho e as relações operário-chefe, nas religiões e a necessidade de superiores ou reverendos e em qualquer outro segmento de interação do ser humano ao meio.

Essas "tecnologias políticas do corpo" assumem um papel de repressão e punição, não somente física, de caráter doloroso e com uso de castigos, mas também com técnicas e discursos de correção intelectuais, privações de necessidades e vontades para a repartição e submissão dos sujeitos.

O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina. E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um "chefe", é o aparelho inteiro que produz "poder" e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. (FOUCAULT, 2014, p.174)

Diante dessas situações de "jogo de poder" entre instituições, a educação no sistema prisional pode sofrer impactos: de origem hierárquica (legislativas, profissionais associados, e entre os privados de liberdade que almejam uma posição em destaque aos demais presos); de figura de poder, podendo direcionar o docente a uma postura autoritária e controladora em busca de superioridade ou respeito.

A sujeição ao poder, mesmo de forma não visível e tangível, assume diversos métodos, aparelhos e instrumentos para expiação e controle, podendo apresentar-se de maneira "direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem, no entanto, ser violenta; pode ser calculada e organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, no entanto continuar a ser de ordem física". (FOUCAULT, 2014, p. 29)

2.3 A DOCILIZAÇÃO DO SUJEITO

Historicamente, o homem e a mulher, e a concepção do ser humano sofreram drásticas transformações e alterações. Passaram de seres primitivos, impulsos incontrolláveis e instintivos a seres altamente sociáveis, pertencentes a grupos e comunidades, seres prudentes e obedientes e já não é só instinto animal, mas a razão e ética social e a funcionalidade produtiva e submissa. Os padrões sociais são estabelecidos e implantados com a finalidade de melhoria e benfeitoria, provedor de bem-estar para todos. Cada indivíduo segue o seu papel, formando um conjunto, um resultado útil e proveitoso, sem tolerância ou aceitabilidade para desvios de caráter e

moral e exclusão de comportamentos inadequados e indesejáveis, sobre este aspecto, Foucault explicou que,

É ao mesmo tempo uma redução materialista da alma é uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado (FOUCAULT, 2014, p. 134).

Para Foucault, a docilidade é o resultado da implantação de sutis disciplinas no corpo como objeto para manipular e moldar, os sujeitos a serem produtivos. Se a liberdade é a expressão do sujeito, a docilidade é o enclausuramento da essência. Essas minuciosas disciplinas estão estruturadas e interligadas em técnicas semelhantes, que são reforçadas por diversos espaços, poderes e instituições.

Dentre as técnicas de implantação, o autor destaca a “arte das distribuições”, sendo elas, os recursos para o bom adestramento, que segundo Foucault se baseiam na “vigilância hierárquica”, uma necessidade de relação em poderes e escala, possibilitando um ideal de pódio, de classificação e promoção, gerando um ciclo contínuo de submissão e poder. A sanção normalizadora, a essência dos sistemas disciplinares assentado nas punições podendo ser sutis como castigos de privação-recompensa de castigos físicos, e o ato do controle da atividade, o controle de horários para atividades, exercícios, o controle do corpo através do tempo.

Diversos métodos de imposição e controle para gerar e manter corpos disciplinados, a suspensão de direitos e vontades na tentativa de não somente controlar o corpo, mas como destaca o autor, controlar e ferir a alma do sujeito, suas vontades, pensamentos, filosofias e intenções com propósito de uniformização. Portanto, a relação entre o poder e disciplina estão interligados em um sistema de “economia política do corpo”, que em partições, permite o controle das interações do corpo, dos gostos, dos comportamentos e subjetividades, revelando que,

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica de poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que determina. A disciplina

fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (FOUCAULT, 2014, p. 135).

Portanto, um bom adestramento se resume a uma generalização de técnicas disciplinares e essenciais que expressam uma regulação detalhada do corpo e que em conjunto geram um aparelho de controle eficiente e minucioso, direcionando o ser a acreditar que tem origem natural e inerte a ele.

2.4 O PROFESSOR COMO AGENTE DISCIPLINADOR

Se antes do século XX os prisioneiros eram convertidos por métodos religiosos, suplícios e toda uma “economia de castigos”, hoje a educação assume este papel, o controle que é exercido sobre os outros a escola detém, e atua de forma assídua nas ramificações de controle, poder e disciplina, por conseguinte os agentes que atuam nesse espaço tornam-se responsáveis e atuantes neste sistema regulamentador.

A escola mútua levará ainda mais longe esse controle dos comportamentos pelo sistema dos sinais a que se tem que reagir imediatamente. Até as ordens verbais devem funcionar como sinalização (FOUCAULT, 2014, p. 164).

A educação possui diversos significados e etimologias, como alterações de estado, relações e influências entre sujeitos e interações com a atividade e o meio, como afirma Libâneo (1992, p.171), “educar é um processo de desenvolvimento: o ser humano se desenvolve e se transforma continuamente e a educação pode atuar na configuração da personalidade a partir de determinadas condições internas do indivíduo”. Convém a eficácia da formação integral do sujeito, ressaltando uma análise sobre as ideias, conceitos, atividades e o processo de desenvolvimento presentes nesse espaço e seu papel na sociedade.

A partir de códigos e utilização de comandos do controle, a escola, assim como os professores, direciona os alunos para um desenvolvimento comportamental, intelectual e ético requisitados e valorizados na sociedade. O interesse é que a escola consiga padronizar condutas e desempenhos através do uso de punições e recompensas. Na concepção foucaultiana, a punição disciplinar escolar é “o efeito corretivo que dela se espera apenas de uma maneira acessória passa pela expiação

e pelo arrependimento; é diretamente obtido pela mecânica de um castigo. Castigar é exercitar” (FOUCAULT, 2014, p.177)

Portanto, através de pequenas recompensas e gratificações, sendo de forma verbal ou física, o professor reforça o mecanismo de controle sobre os comportamentos, reforçar os que devem ser exaltados e considerados como bom para ética e moral social, e com o uso dos castigos verbais, de privação e penitência, pretende-se excluir comportamentos negativos em uma tentativa de diminuir os índices de desvio e a necessidade de punições futuras por outras instâncias, como quartéis e prisões. Para Foucault, “fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar...então a sala de aula formaria um grande quadro único, com entradas múltiplas, sob o olhar cuidadosamente “classificador” do professor (FOUCAULT, 2014, p. 144).

Ao analisar o papel do professor como agente ativo da emissão de conhecimentos sócio-históricos e habilidades, devemos considerar que seu processo de formação humana e acadêmica foram edificadas na lógica das ramificações de poderes, e que conscientemente ou inconscientemente, atuam como reprodutores e reforçadores deste sistema, através do uso corretivo e recompensador das disciplinas. Diante de tais questões, Foucault considerou que “a disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente. Essa exigência se traduz de várias maneiras” (FOUCAULT, 2014, p. 161).

Se considerarmos a educação e os professores como agente disciplinador e aplicador de punições e controle, ao observar a realidade de uma instituição de ensino situada dentro de um sistema prisional, um local que para Foucault, foi constituído e elaborado,

Por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza. A forma geral de uma aparelhagem para tornar os indivíduos dóceis e úteis, por meio de um trabalho preciso sobre seu corpo (FOUCAULT, 2014, p. 223).

Recaí sobre os professores do regime prisional a delegação em contribuir vigorosamente na ressocialização dos sujeitos que, quando tiveram a oportunidade na escola primária e regular, não foram socializados e doutrinados adequadamente, e necessitam de intervenções mais rígidas e diretivas em fiscalização e vigilância, o que gera esperanças e expectativas maiores por parte dos professores na mudança desses alunos.

3 Caminhos metodológicos da pesquisa

Lançando um olhar curioso sobre a prática docente dentro de um sistema penitenciário, as pesquisadoras foram em busca do estado do conhecimento através de sites acadêmicos como o da instituição na qual estudavam e de outras universidades públicas, mas não foi possível encontrar dados que enriquecessem o projeto de pesquisa.

Este artigo está enraizado dentro da perspectiva filosófica transformativa, na qual o olhar pesquisador está voltado para grupos que vivem à margem da sociedade e de alguma forma são discriminados, com o objetivo de dar visibilidade a essas minorias, no caso deste trabalho, aos adultos em divergência com a lei do Presídio de Igarassu, localizado na Rodovia BR 101 - Norte, Km 32,5 em Tabatinga, Igarassu no estado de Pernambuco. Participaram da entrevista cinco docentes que estavam presentes no local.

O instrumento para coleta de dados de pesquisa utilizado foi a entrevista partindo de uma pergunta inicial e da exposição do tema a ser pesquisado pelas discentes. Foi necessário encontrar pontos em comum nos discursos proferidos pelos professores e professoras no momento da entrevista para, então, identificar em suas palavras o que ficou implícito.

Escolhemos como metodologia utilizar a pesquisa qualitativa a partir da produção de Minayo (2002, p.21-22) onde esta autora apontou que “ela (a pesquisa qualitativa) trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” Fomos em busca dessas significações e motivos expressos nos discursos

dos participantes da pesquisa, neste caso os docentes, na tentativa de compreender as relações estabelecidas no ambiente prisional e isso só poderia ser observado através do aprofundamento e olhar mais apurado sobre as falas de cada um deles.

Bauer e Gaskell (2008, p.254) dizem que cabe ao analista, neste caso as pesquisadoras, “identificar cada problema, e como o que é dito se constitui em uma solução”. Imbricados nas falas dos docentes é possível ver que existem problemáticas a serem questionadas e analisadas, pois demonstram muito mais do que eles dizem.

Os objetivos desta pesquisa foram problematizar a atuação do professor em sala de aula no sistema prisional a partir de seus depoimentos, descrever as condições de prática docente durante o seu trabalho em sala de aula, conhecer a partir da concepção dos docentes quais as realizações e motivações que eles têm ao exercer a docência no sistema prisional e identificar as dificuldades relacionadas às questões hierárquicas, de controle e poder que podem influenciar no trabalho diário do professor e a relação professor-aluno.

Enquanto pesquisadoras, chegamos ao local com pensamento baseado no senso comum de um ambiente muito hostil e sujo de acordo com a maximização da realidade demonstrada pelas grandes mídias. Pensávamos que a socialização entre os sujeitos e os funcionários seria de extrema rigidez e incivilidade. Porquanto nos deparamos com um lugar muito limpo, mantido pelos próprios presos, cada um cuidando de uma área diferente; os sujeitos relacionando-se comumente como se inseridos numa comunidade com linguagem própria sem ultrapassar os limites formais estabelecidos pela condição de ambos - encarcerados e policiais.

O Presídio de Igarassu fica na cidade de Igarassu, localizada a cerca de 25 km de distância de Recife. De acordo com o site da prefeitura, inicialmente a cidade era uma aldeia indígena, com a colonização tornou-se uma Vila na qual foi instaurada uma capela em cumprimento de voto aos santos Cosme e Damião. Com o desenvolvimento administrativo, os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário foram criados e no subsolo da Câmara Municipal funcionava uma penitenciária. Os que não obedecessem a legislação eram confinados neste local sem ao menos ver a luz do dia.

O local no qual o presídio está situado é de difícil acesso para pedestres, pois fica na rodovia, longe da movimentação de pessoas. Quem for realizar visita, por exemplo, não consegue o acesso facilmente. É preciso uma condução específica ou

necessita subir uma elevação íngreme e não asfaltada. Em visita ao local percebemos que havia veículos fretados com grupos de familiares que foram fazer entrega de material de higiene pessoal ou de alimentação para os presos.

A pesquisa foi realizada na instituição de ensino estadual Dom Helder Câmara que fica dentro do presídio, em cumprimento da Lei de Execução Penal (Lei Nº 7.210 de 11 de julho de 1984) que aponta assistência educacional objetivando o retorno do indivíduo à sociedade. A escola atende as etapas de ensino dos anos iniciais, anos finais e ensino médio. O ano letivo é organizado por módulos nos quais os estudantes fazem atividades e trabalhos para constituição de nota. Tem Wagner Cadete como gestor da instituição até a presente data, que também foi entrevistado e trouxe informações administrativas do local.

O acesso ao presídio foi mediado por um policial penal que nos conduziu ao espaço reservado para a escola. Nossos pertences foram guardados em uma sala logo na entrada e não pudemos levar os celulares, somente papel e caneta. Para ter acesso ao corredor que ficavam as celas nos deparamos com poucos policiais penais, mas munidos de armas de grande porte. Os presos com flexibilidade na pena que circulavam livremente nos corredores, ao se depararem com a nossa presença demonstravam certo “respeito”. Uns baixavam a cabeça, outros viravam de costas. Entendemos que este é um tipo de comportamento comum no local e que eles são instruídos a agirem desta forma. Para mudar de sala éramos conduzidas por algum policial, não tínhamos autorização de caminhar sozinhas, sempre nos enfatizavam que era pela nossa segurança.

A entrevista com os docentes foi realizada na sala deles. Foi possível ver que era um ambiente comum ao que encontramos nas escolas regulares. Quando nos apresentamos, os docentes questionaram sobre o que estávamos pesquisando, demonstraram interesse e foram muito solícitos ao responderem à pergunta que iniciou a conversa (foi assim que nos sentimos). A sala era dotada de armário com os nomes dos professores e as mesas estavam dispostas de forma que os docentes pudessem ver uns aos outros. Todos os professores estavam utilizando um notebook no qual atualizavam o diário de classe online, organização geral da rede de ensino.

As salas de aula seguem um padrão da rede estadual de ensino com carteiras, quadro branco, as paredes são pintadas e azulejadas no mesmo formato. Há biblioteca, sala de informática, sala de professores, sala de reuniões, refeitório, sala

de direção\secretaria e o acesso é por um portão com mecanismo de detecção de metais.

4 Apresentação e Análise dos Dados/ Resultados

A partir deste momento, apresentamos os resultados obtidos do percurso da pesquisa. A análise dos dados foi feita considerando a interpretação dos dados que, segundo Minayo(2002), já estão "contidas" uma na outra, não sendo distintas. Para a interpretação dos dados é necessário um olhar de investigação para não cair nos três obstáculos definidos pela autora anteriormente citada que podem comprometer os resultados da pesquisa. Os obstáculos são: "a ilusão do pesquisador em ver as conclusões" como se estivessem claras e objetivas aos olhos; "esquecer os significados" que os dados podem expor; e "distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa" comprometendo a veracidade e confiabilidade da investigação.

4.1 - DESAFIOS PARA LECIONAR NO PRESÍDIO

Dentre os desafios encontrados nas falas de alguns dos professores é possível perceber que o fato deles não receberem um diferencial no rendimento financeiro em relação aos docentes que lecionam em escolas regulares é encarado como tal. Outro ainda, é o fato de não haver formações continuadas voltadas para o público-alvo e específico do sistema prisional. Isso dificulta o trabalho dos docentes que precisam buscar alternativas a partir de tentativas do que pode funcionar ou não para o aprendizado dos alunos, como expressa em sua fala o professor entrevistado sobre a quantidade de formações, "São muitas. São basicamente as mesmas que toda a rede oferece." Expressando um caráter generalizado dos conteúdos abordados e insatisfação dos docentes com a Secretária de Educação do estado.

A organização dos planejamentos das aulas que necessitam ser ministradas afóra do ambiente de sala de aula para uma aprendizagem mais significativa e concreta não são possíveis, visto a condição de apenados dos estudantes, "o que prevalece é a segurança" - pensamento identificado na fala de todos os docentes.

Existe diferença entre presídio e penitenciária. O primeiro refere-se ao lugar no qual os apreendidos vão aguardar o julgamento ou sentença. Já o segundo, é direcionado para aqueles que já foram sentenciados pela justiça e possuem uma pena definida. Quanto a isso foi identificado que há uma grande rotatividade de estudantes na escola, pois os sujeitos chegam ao presídio e não sabem quanto tempo vão aguardar até serem julgados, podendo ser em poucos dias ou demorar meses/anos. Os professores sentem um grande desafio com essa variação no momento de organização e sistematização do planejamento e das atividades.

Os docentes apontaram como desafio a relação desigual da faixa etária dos alunos, a diversidade de série escolar e dos estágios cognitivos, visto que interfere na qualidade, na generalização dos conteúdos e conceitos e na metodologia utilizada na ministração das aulas. A limitação no manuseio dos materiais escolares enviados pelo governo que os estudantes podem utilizar, pois eles acabam vendendo itens do kit - "as folhas são utilizadas como papel para fazer "papelote" e tudo vira comércio." - comentou a professora.

Encarar a realidade da condição dos estudantes enquanto apenados, pessoas que transgrediram a lei de alguma forma e que agora vivem numa situação que, muitas vezes, não tem o que vestir e/ou itens para higiene pessoal é um desafio dos professores, porquanto precisam buscar alternativas para não internalizarem o ponto de adquirirem problemas psicológicos. Eles julgam importante não dar nenhum tipo de ajuda material para não se tornarem dependentes dessa ajuda. Atrelado a isso, está o envolvimento ou não com os motivos que levaram, e que levam, os sujeitos à prisão, visto que há grandes chances de haver envolvimento como vemos na fala da professora: "Já me vi numa situação em que um preso matou os filhos e colocou na máquina de lavar. Eu só conseguia pensar nos meus filhos".

É encarado como desafio e até como desmotivação, o fato de saber que parte dos estudantes está na escola, não porque querem estudar, mas por ter assegurado em lei (PSL 264/2006) que a pena pode ser reduzida um dia para cada 12 horas estudada. A educação sendo manipulada como recompensa, fugindo ao seu real sentido.

Outrossim, alguns professores apontaram como desafio, a falta de motivação dos alunos, gerando um sentimento de desmotivação nos próprios educadores, visto que, os professores alegam que a educação e a transferência de conhecimento não

têm caráter positivo e internalizado com conceitos generalistas se o aluno não está disposto a tornar essa relação mútua e satisfatória. Esta preocupação fica evidenciada na fala do professor que expressa: “É a desmotivação dos alunos, não existe competitividade ou a vontade de fazer algo mais, é como cita Freire, eles estão em um papel de oprimido e não conseguem se ver além deste papel, se sentem inferiores, cabisbaixo”. Em consonância com o ponto de vista expresso pelo professor, podemos observar que sua percepção filosófica e docente expressa a preocupação em tornar a educação mais significativa e sociointeracionista, fugindo dos ideais tradicionais e bancários (FREIRE, 1987), nos quais considera o aluno somente como receptáculo de conhecimentos.

Sobretudo, ainda que atuem em um local conflituoso e marginalizado, com o público-alvo variável, e o histórico pessoal de alguns alunos ligados a desvalorização educacional e falta de interesse aos estudos, os professores tentam manter uma convicção pedagógica transformadora, capaz de transverter a realidade atual daqueles sujeitos, visando um futuro trilhado pela educação.

4.2 - PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES

Pensando na educação e como os docentes a enxergam, é possível identificar que parte deles, apesar de em fala expressarem preocupação com a mudança social, no decorrer da entrevista trazem indícios de maior atenção ao respeito imposto pelo sistema e a segurança necessária para o bom andamento das aulas. Em contrapartida, um dos entrevistados expressou em diversos momentos “contribuir na transformação social, fazer a diferença na vida deles, mesmo que pouca”, “temos que nos adaptar à realidade dos nossos alunos”, e “Nós temos que olhar para os alunos como os médicos tratam os paciente”, demonstrando assim essa preocupação, entretanto, essas falas indicam a necessidade dos docentes compreenderem que todo trabalho é uma ação social e que eles devem refletir sobre os sentidos atribuídos às ações que eles executam dentro da instituição prisional.

Entretanto, somente o desejo e vontade de transformação não são suficientes quando existe toda uma lógica de mecanismos de controle e poder direcionada a vigilância, punição e “domesticação” desses sujeitos, contrariamente ao sujeito filosófico, direcionando os docentes a uma ação mais defensiva e submissa, seguindo padrões estabelecidos e colocando-os numa posição de prestador dos saberes.

Outra percepção presente na fala dos professores é que ainda há um grande descaso por parte do sistema na manutenção básica dos seres humanos naquele local, e provavelmente no sistema carcerário nacional seja para os que ali trabalham, seja para os que ficam presos. Enquanto a negligência do estado para com os docentes, fica evidenciado quando dito que não há remuneração extra com relação ao grau de periculosidade do local que lecionam, visto que suas vidas estão em risco diante de pessoas com registro de crimes hediondos, mesmo estes não tendo o direito à educação.

Destarte, observou-se que as percepções dos docentes em relação aos alunos são influenciadas pela realidade desumana a qual vivenciam, dentre os aspectos apontados foi a falta de recursos básicos para uma boa higiene pessoal, vestimentas pessoais e alimentação. Outros pontos expressos pelos entrevistados foram situações de "encarcerados sem assistência alguma, as famílias deixam de mão, não se importam mais, mas não julgamos pois não sabemos a realidade e o cansaço dessas famílias", afirma o professor.

Os alunos recebem farda, mas podem ir à escola com a roupa estiver disponível, considerando que, alguns não têm ou só possuem uma vestimenta, relatando os professores que "às vezes eles estão se desenvolvendo bem na escola, e por algum motivo vão para o castigo e voltam sem roupa, sem pertencentes. Perdem ou outros sujeitos pegam para si" salientando a preocupação com o bem-estar mínimo dos alunos e como essas dificuldades afetam no seu rendimento. Percebeu-se que estas preocupações estão presentes nas práticas docentes dos professores quando, em seus diversos projetos na escola são voltados para instrução e técnicas de produção e obtenção desses recursos, como o projeto de confecção de sabonetes através da reutilização de óleos vegetais utilizados na cozinha da instituição.

Entretanto, considerando a educação como ferramenta para transformação de realidade presente e futura e não somente via para obtenção de algo em específico, o professor da disciplina Português e seu projeto "dicionários de gírias" o qual discorreu: "Nós professores, temos que nos adaptar a realidade dos nossos alunos. Eu sou professor de português e a linguagem deles aqui é totalmente própria e única, fazem muito uso de gírias e vulgos (apelidos que usam no lugar do nome de batismo). Então, desenvolvemos um projeto chamado Dicionário das gírias, apresentando os significados e traduzindo para o padrão da norma culta". Apesar destes

apontamentos, observou-se que o professor tem a fala e a prática mais próxima da inclusão do sujeito e a preocupação de formação significativa, reafirmando essas concepções durante a entrevista, mantendo uma constância em suas afirmações e nas práticas, como o projeto aceitando a realidade e variedade linguística dos alunos e dialogando com as normas cultas de escrita e leitura. Trabalhando os conhecimentos prévios e particularidades dos alunos em mediação à língua portuguesa.

Quando os professores falam “temos que nos adaptar a realidade dos nossos alunos” demonstram pensar a realidade da linguagem oral utilizada pelos estudantes como sendo diversa da linguagem culta ensinada nas escolas, eles compreendem que enquanto educadores precisam atentar-se a esta realidade e que podem utilizá-la em sua prática pedagógica a fim de envolverem e aproximando o ensino da vivência dos alunos, tornando-se uma aprendizagem mais significativa e prazerosa, mesmo diante da condição de apenados.

Acerca da rotina escolar e a consideração da realidade dos alunos para o planejamento, os docentes informaram que: “A rotina é semelhante a qualquer escola da rede estadual regular.” “Tudo precisa ser bem planejado de acordo com as possibilidades de execução.” É comum nos argumentos dos docentes que a rotina é considerada similar à rotina nas escolas da rede estadual, evidenciando uma visão distorcida sobre os alunos. Ao comparar os estudantes daquele espaço, com restrições e padrões específicos, histórias, lugares que ocupavam e após o período de detenção irão ocupar na sociedade, dentre dispersos outros fatores que revelam a extrema diferença entre os alunos de uma escola penal e alunos de uma escola regular. Ao realizar essas afirmações, os professores desconsideram parte da trajetória do sujeito, os prejuízos que a privação de liberdade, imposição violenta de ordem e disciplina, restrições e marginalização na sociedade afetam os alunos.

Deve-se refletir sobre as condições presentes do aluno, pois, em grande maioria, são oriundos de periferia, classe baixa, que dispuseram da oportunidade de estudar de forma regular, mas que, por algum motivo não usufruiu, e são obrigados na atualidade a cumprir com essa responsabilidade.

Portanto, os docentes devem reconhecer que os alunos daquela instituição não são como qualquer outro aluno, bem como, as expectativas para o futuro e sobrevivência são distorcidas e deturpadas, em razão de uma geração de pobreza e

criminalidade e neste caso, somente a educação não é o suficiente para mudanças instantâneas.

4.3 - MOTIVAÇÕES PARA LECIONAR NO PRESÍDIO

O discurso predominante na fala dos docentes é o de mudança e transformação social. Essas mesmas palavras são encontradas em várias instituições de ensino e demonstram que a educação ainda é vista como “salvadora da pátria”, capaz de mudar uma sociedade se cada um fizer a sua parte.

A questão salarial foi apontada como um dos motivos pelos quais não se sentem motivados a trabalhar no local. Olhando o quadro de investimento financeiro por parte dos governos, vemos que o setor educacional sempre foi escanteado e negligenciado. Este é um problema que não só atinge a equipe de professores do sistema carcerário, mas os docentes a nível nacional. A educação desde os tempos iniciais era vista como uma forma de converter os povos ao caminho de quem governava. Era por meio do ensino que os religiosos direcionaram os povos nativos a se comportarem da maneira como sua cultura exigia. Assim foi também no período em que os políticos assumiram uma posição no governo do Estado e determinaram suas diretrizes.

Em conversa com os docentes da escola entrevistada foi notificado que já existe uma solicitação do sindicato na intenção de conseguir esse benefício. Estabelecendo um comparativo aos demais funcionários daquela instituição, observou-se uma indolência por parte da secretaria de educação acerca dos riscos e periculosidade expressa diariamente naquele espaço e relação com o público-alvo, não reconhecendo o direito e necessidade do professor receber esse adicional na remuneração. Os professores vivem na “esperança” de conquistarem esse direito.

Os docentes, “docilizados” pela ideia de um lugar bom no qual podem dar sua aula tranquilamente, acreditam serem respeitados por sua posição, esquecendo muitas vezes que a condição de respeito não é opção para os alunos aprisionados em sistema carcerário, é uma obrigação, caso contrário são punidos através da intervenção do próprio sistema - os policiais penais. Podemos ver isto enfatizado nas seguintes falas: “A questão de respeito com o professor aqui é mais evidenciada”, “Comparando com outras instituições que lecionei, a questão de respeito com o professor aqui é mais evidenciada. Não existe isso de gritar ou xingar com o professor,

os alunos nos reverenciam quando passamos, com as mãos para trás e a cabeça baixa” e “A disciplina fica por conta dos agentes que tem seu próprio jeito de resolver.

“Aqui todo mundo tem que entender qual é o seu papel e lugar”, considerando assim, a comodidade dos alunos quietos e regulados rigorosamente, e a possibilidade de trabalhar numa sala de aula sem interferência ou agitações, configurou-se em uma motivação para os docentes permanecerem naquele recinto.

5 Reflexões Finais

Detínhamos como objetivo de investigação, problematizar o funcionamento do sistema educacional prisional, as percepções, desafios e motivações encontradas pelos professores e como se estruturava as relações de poder entre a instituição escolar e o regime carcerário. Para encontrar respostas e explicações acerca dos questionamentos, adentramos em uma escola estadual situada em um presídio estadual pernambucano.

Mediante o exposto nas entrevistas em profundidade, foram apontados mais desafios em comparação às motivações, considerando que os desafios englobam questões sociais, institucionais e direcionadas aos órgãos que regulam e que deveriam assegurar, bem como manter, os direitos garantidos para classe profissional, como o reconhecimento financeiro assegurado para a categoria.

Ao assumir o papel de sócio educador responsável pela mediação do conhecimento reluz o olhar humanizado e sensibilizado dos professores naquela instituição sobre os alunos privados de liberdade, considerando o aluno além das suas transgressões e merecedores do cumprimento da sua sentença com os recursos mínimos e atenção básica, e que ao cumprimento da pena não se configure em padrões desumanos e desapiadados. Reafirmam essas concepções em suas práticas e metodologias concebendo a realidade custosa dos educandos. Os projetos atuais são direcionados para instrumentalização de técnicas com finalidade de confecção de sabonetes artesanais, atividades extras e culminâncias bonificadas com itens de higiene pessoal criando uma forma dos professores ajudarem os alunos mesmo que de forma indireta, utilizam o seu poder enquanto educador para promover apoio social, contudo, sem disar das exigências e metas estabelecidas e esperadas pela rede de ensino nacional.

Em consonância às ideias de poder e disciplina de Michel Foucault, a estruturação e o funcionamento das prisões, analogamente aos conceitos observados e categorizados no século passado, diante ao observado, não ocorreram mudanças visíveis e significativas à realidade atual da humanidade. Destoando a necessidade de reformulação nas práticas e ações do sistema carcerário. O caminho da privação, enclausuramento sem funcionalidade e sistema organizacional disfuncional de abandono, e promoção de situações desumanas não garante a ressocialização do indivíduo.

Presumimos ser de suma importância que o sistema fornecesse os recursos básicos para que estes sujeitos tenham condições de serem alunos tal como são assegurados aos alunos tradicionais. O sistema deveria apresentar caminhos e oportunidades alternativas e funcionais com finalidade de previsibilidade do futuro após o cumprimento de pena. Situações como essa, acabam por gerar ao aluno o interesse educacional somente na intenção da remição penal sem considerar a real função da educação que é a transformação social, filosófica, cultural e formação crítica.

Os conflitos psicológicos identificados nos discursos dos docentes surgem quando encontra-se algo semelhante à realidade, aspectos da vida pessoal dos professores expressa em uma possível vítima, criando um sentimento de pessoalidade gerando incômodo interno que são transformadas em inconscientes diante situações rotineiras.

Em suma, tornou-se perceptível o compromisso estabelecido pelos professores enquanto o dever e concepção socioeducativa preocupada com a reeducação dos alunos, todavia, as ramificações de controle e disciplina analogamente ao papel do professor como agente doutrinador e docilizador, ficam evidentes nas falas e discursos sobre o quão se sentem motivados a lecionar naquela instituição por serem valorizados e reverenciados pelos alunos, evidenciando que situações de desrespeito já presenciadas em outras instituições não ocorrem naquele espaço, mesmo que de forma imposta e subordinada, os alunos consideram os professores como figura de poder superior e merecedores da excelência. O mesmo ideal apresentou-se nas práticas de repreensão dos alunos, que ao fugirem dos padrões comportamentais, o professor delega aos policiais penais a função de punição e castigo, o qual, inegavelmente, são conscientes dos métodos e técnicas utilizadas por esses profissionais para obtenção do controle e solução dos conflitos.

Reafirmando assim, as concepções foucaultianas sobre a reprodução inconsciente de doutrinação dos sujeitos que foram adestrados e docilização em diversas instâncias durante sua vida, espelham esses padrões comportamentais em outros sujeitos. Desta maneira, ainda que em sua formação acadêmica e filosófica possivelmente tenham sido os professores apresentados a concepções baseadas na contribuição do educador nas formações integrais dos alunos, ainda reproduzem e fracionam o “poder legal de punir”.

Em vista do que foi apurado, a educação prisional apresenta as problemáticas e percalços encontrados em toda esquematização escolar brasileira, embora, somados aos obstáculos organizacionais do sistema prisional, manifesta situações de descaso e desamparo dos órgãos públicos e políticas sociais voltadas aos indivíduos que fazem uso do sistema prisional. Emerge a doutrina de suspensão total de direitos, desconsiderando que o indivíduo em questão permanece como ser humano capaz de sofrer transformações, desde que sejam apresentadas vias e formas para tal mudança tão esperada e pouco articulada.

Para que se possa acreditar na educação como ferramenta capaz de romper barreiras e criar possibilidades consideradas inexistentes ou privadas por motivos sociais, culturais, econômicos e políticos para alguns indivíduos, é preciso considerar toda a estrutura ramificada de poder na qual ela está inserida, e destoar da visão holística sobre o professor como único responsável pela eficácia da educação, e enquanto sociedade, repensar formas de melhoria e aprimoramento do contexto educacional brasileiro, criar formas de cobrança para os órgãos responsáveis e selecionados para cuidar da população façam cumprir para todos os direitos e deveres estabelecidos em leis educacionais e que asseguram a segurança, o bem estar, assistência social, conservação da integridade física e mental e condições básicas de saúde, sem menosprezar ou desconsiderar um cidadão independente a sua trajetória.

6 Referências

BAUER, M. W., GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes: 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: O nascimento da prisão; tradução: Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LIBÂNEO, J. C. “**Os Significados da Educação, Modalidades de Prática Educativa e Organização do Sistema Educacional**”. *Inter-ação, Rev. da Faculdade de Educação/UFG*, Goiânia, 16(1-2), p. 35 - 46, jan. dez. 1992

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.